

Roberto DAMATTA,
Conta de Mentiroso. Sete ensaios
de antropologia brasileira

RIO DE JANEIRO, ROCCO, 1993, 209 PP. ISBN 85-325-0387-X

Roberto DaMatta no seu *Conta de Mentiroso* mantém-se fiel à antiga e obsessiva paixão de entender a sociedade brasileira, desta vez através da literatura, da música de carnaval, da natureza da tradição, da inflação e da violência.

A saudade é vista como uma saudade categoria sociológica, uma categoria básica do espírito humano, da existência cultural e portadora de profunda capacidade performativa.

O constitutivo da saudade não é a experiência individual fragmentada do amor, da viagem e da ausência, como se pensava comumente, mas é a existência social da saudade como foco ideológico e cultural. *É a noção de saudade que nos faz refletir e, sobretudo, sentir com mais vigor, presença e intensidade o nosso amor e a ausência dos entes e das coisas que queremos bem. Ou seja: sei que amo porque tenho saudade.* (p. 21)

Compreender a saudade como categoria social é perceber ser ela expressão de uma concepção específica de tempo, pois, ela fala dele por dentro, isto é, da temporalidade como experiência vivida, da temporalidade referida às atividades sociais. A saudade enquanto remete à recordação, à memória e à temporalidade fala de um tempo universal, apontando para uma relação especial e singular, ela marca e particulariza esse tempo.

Para DaMatta, o discurso da saudade se centra numa temporalidade da casa, pois, neste espaço relacional as pessoas desaparecem mas as relações ficam constituindo uma das nossas mais fortes razões de viver.

No segundo ensaio intitulado "A obra literária como etnografia: notas sobre as relações entre literatura e antropologia"

apresenta sua tentativa de usar textos literários como peças etnográficas, isto é, descrições da sociedade, momentos em que as sociedades falam sobre si mesmas.

A comparação entre a narrativa antropológica/etnográfica e narrativa literária aponta para o caráter inovador deste estudo. *A primeira busca deliberadamente o padrão, o sistema e a estrutura; seu tecido é motivado pela tentativa de descrever regras e responder a questões; seu sujeito não é povo mas uma indagação e um problema. A segunda descreve um sistema de ações individuais numa operação singularizante.*

Considerando o texto literário como uma narrativa mítica, estuda-o através de suas determinações internas buscando nele “princípios estruturais” e “categorias sociais básicas”. *A narrativa então poderia ser tomada como a própria sociedade, percebida (lida, entendida, falada, classificada) por meio de um certo código.* (p.49)

Nesta análise o social não fica deslocado da sociedade nem a sociedade alienada de si mesma. *A obra literária não foi apanhada como algo estranho à sociedade, mas como uma de suas expressões* (p. 58). Estudos da obra de Jorge Amado e Guimarães Rosa e a reinterpretação do “mito de Malasarte” ilustram o ensaio.

No terceiro ensaio, empreende um estudo sociológico da música popular de carnaval, mostrando ser um veículo através do qual a sociedade se revela e se manifesta concretamente.

A música de carnaval focalizando, destacando ou deslocando certos valores da sociedade brasileira torna-os significativos. Sem pretender ser séria e opinativa, como a música popular, a música de carnaval, com uma letra simples, curiosa, cheia de insinuações e inversões, fala de tudo. *Tais elementos aproximam essas músicas dos atos performativos, que fazem e estimulam que façamos coisas* (p. 74).

A interpretação da canção carnavalesca “Mamãe eu quero” comprova muito bem o estudo. Termina sublinhando a importância e a força da música de carnaval que reside na possibilidade de tudo ligar, dissolvendo as diferenças e criando condições para uma manipulação mágica e expressiva do mundo.

No ensaio “*Em torno da representação da natureza no Brasil: pensamentos, fantasias e divagações*” parte da hipótese que as representações de natureza da sociedade brasileira manifestam o paradoxo inerente ao sistema social — mistura de práticas modernas e práticas tradicionais (clientelismo, patronagem e nepotismo).

O autor aponta primeiramente para as representações luso-brasileiras de natureza, para compará-las, em seguida, com a visão dos colonizadores da América do Norte. Termina perguntando pelo futuro da visão ecológica.

Para DaMatta, a visão luso-brasileira de natureza como dadivosa acabou despertando o interesse mercantilista para o extrativismo imediatista e predatório. *É uma concepção específica da natureza, que orientando e legitimando as práticas econômicas e políticas, determinaria certas ações.* (p. 109)

A representação naturalista como (...) *exclui as instituições sociais, exime a responsabilidade dos agentes históricos.* (p. 106) e acaba impossibilitando uma ética de respeito. A natureza para os colonizadores da Nova Inglaterra é uma esfera compartimentalizada, não é algo passivo, com ela se tem relações objetivas e distantes.

Com o “ecologismo” se dá uma passagem da representação tradicional e “antropocêntrica” da natureza para o moderno modelo “biocêntrico”, graças a uma rígida demarcação de fronteiras entre mundo social e natural. Mas, juntamente com a afirmação da idéia da natureza como uma esfera distinta, removida, desencantada e sujeita a regras da sociedade constatada-se hoje no Brasil, a permanência de idéias de interpenetração da natureza com a sociedade.

Compreender a realidade brasileira e latino-americana não é tarefa fácil para estrangeiro ou brasileiro que fazem dela uma leitura “racional” ou “dualista”. A leitura dualista não pode compreender como algo positivo, a “mistura”, a “confusão” e a “combinação” e não percebe também o que é necessário conhecer, as “relações”.

No quinto ensaio “*Para uma antropologia da tradição brasileira*”, Roberto DaMatta pergunta pelas propriedades sociológicas da tradição.

A tradição não é um mistério, é uma coisa viva que implica uma escolha, um compromisso, um reconhecimento e se mostra como diferença e semelhança. Faz-se então, necessário estudar as tradições comparando-as e contrastando-as.

A tradição brasileira e o conjunto institucional que ela legitima só é compreendido quando se leva em conta o peso e o significado de seus elementos, isto é, a lógica que preside essa desarrumação tão aparentemente pré-lógica. Feito isto, percebe-se *que as relações pessoais e as regras impessoais que regem o liberalismo brasileiro correm lado a lado e em esferas sociais mutuamente exclusivas, embora complementares.* (p. 135)

Mas, a constatação da dualidade institucional não basta, pois, no Brasil, divide-se a casa e a rua em dois espaços separados, para em seguida poder relacioná-las de maneira complementar. *É essa intransitividade entre casa e rua que permite voltar, retomar, conciliar e reconsiderar, e, sobretudo começar tudo de novo...* (p. 141)

Termina lembrando que *no caso da América Latina... ser preciso dizer menos dos elementos que constituem uma “tradição” e muito mais das “relações” entre esses elementos.* (p. 149)

O sexto ensaio intitula-se “*Em torno da matriz cultural da inflação: notas sobre a inflação, sociedade e cidadania*”.

A crise hiperinflacionária que desmistificou a ciência econômica e ensinou que cidadania e inflação estão irmanados, deve ser diagnosticada não a partir de elementos isolados mas **de um plano cultural**.

A crise econômica esconde uma crise de paradigmas de auto-compreensão. No Brasil, costuma-se selecionar o plano político, como esfera privilegiada da mudança. O mudancismo para DaMatta é uma expressão do “dilema brasileiro”, ter um sistema igualitário em nível de ideologia mas acoplado a práticas e valores hierárquicos profundamente internalizados. Este dilema traz conseqüências para a cidadania e para a inflação.

Ao analisar o quadro inflacionário se inspira num artigo de Albert Hirschman, cientista político que escreveu “*A matriz política da inflação*”. DaMatta propõe uma hipótese: *o comportamento inflacionário não é economicamente específico, mas segue um padrão cultural bem estruturado e estabelecido. No fundo, a inflação não seria crônica, mas — nos termos desse sistema — erradicável.* (p. 169) Portanto, expressão desta verdadeira multidão de particularismos no plano social que se refletem diretamente na esfera econômica.

Relembra para finalizar que *a inflação confirma a descrença na falta de medida e sustenta e amplia um tradicional sentimento de ausência de limites.* (p. 174). Processo que pode levar a buscar a moeda corrente da violência física e da força bruta.

No último ensaio, DaMatta investiga numa perspectiva relacional dialética a violência como fenômeno social, para em seguida discutir sua manifestação em sistemas sociais específicos.

Da violência tem-se uma leitura erudita e uma leitura popular. A primeira, essencialmente normativa, que confunde a violência com a própria estrutura da sociedade. A segunda compreende a violência como mecanismo social indesejável, como um ato eminentemente físico, injusto e causado pelo egoísmo.

Para o autor, o discurso erudito, legalizante e formalista e o popular pessoal e relacional correspondem a narrativas que contemplam o mundo social a partir da rua ou da casa.

Na sociedade brasileira marcada por essa lógica dupla “*a vingança*”, o “*sabe com quem está falando?*”, o “*quebra-quebra*” são formas institucionalizadas de violência, através das quais se busca transcender esta divisão. (p. 187)

A obra de DaMatta vem contribuindo para o desenvolvimento da disciplina antropológica no Brasil. Numa primeira fase estudou as sociedades tribais (os Apinayé), em seguida, passou a estudar o cotidiano do Brasil sempre com um ângulo muito surpreendente.

Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira insere-se nesta segunda fase. A frase de Marc Bloch *a comparação é a varinha de condão da História* capta bem a dinâmica interna deste livro de DaMatta.

Encontramos no texto, o esquema teórico lançado pelo autor em *Carnavais, malandros e heróis* no qual destaca no múltiplo universo social brasileiro quatro planos: o domínio da casa, a esfera da rua, o universo do jogo, da festividade e da brincadeira e a área do sobrenatural. Os ensaios embora não tendo a mesma densidade analítica e apresentando a nível teórico repetições constituem-se num convite irrecusável para quem deseja compreender um pouco da “ambiguidade” que permeia todo o sistema social brasileiro.

Mesmo quem não partilha das idéias de DaMatta, fica obrigado a reconhecer que seu livro traz uma proposta teórica criativa e ambiciosa, realizada com precisão de um mestre. Vale a pena conferir!

Ênio José da Costa Brito
Professor do Departamento de Teologia PUC/S. Paulo

